



FACONNECT/ A CASA TOMBADA

Coracy Ribeiro Santana Schueler de Oliveira

PIRILAMPOS

Reflexões Poéticas da Própria Escrita

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu Narração Artística: Caminhos Para Contar Histórias Em Contexto Urbano apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em Narração Artística, sob orientação do Prof. Dr. Giuliano Tierno e da Profa. Ms. Leticia Liesenfeld Erdtmann, com co-orientação do Prof. Ms. Joseley Souza, Profa.Ms. Ananda Luz e Prof. Dra Luciene Santos.

São Paulo/SP

2023

Segundo Piglia, "um conto sempre narra duas histórias, uma aparente e outra secreta. A arte de construir um bom conto reside em contar as duas histórias simultaneamente, como se fossem uma só, de forma que o desfecho da narrativa seja a revelação que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta".

Resumo

Escrevi o conto "Pirilampos" para a Pós-graduação Narrativas Artísticas em Contexto Urbano, acreditando me despedir da escrita autobiográfica, a qual me dediquei desde 2017, acolhi a sugestão do professor Giuliano Tierno, para observar e refletir sobre meu processo de escrita, esse é o propósito de ter criado o conto "Pirilampos". No exercício de pensar e refletir percebi possíveis conexões simbólicas, que me reportaram à Psicanálise. Tenho me interessado pelos escritos de Freud, ainda que conheça tão pouco de sua obra, os conceitos da sua primeira tópica dificilmente podem ser desconsiderados, uma vez lidos. Carregamos conosco, vivências guardadas semelhantes à parte submersa de um iceberg, "o inconsciente", são palavras em outro estado, compostas das histórias que vivemos, às quais ocultamos ou contamos. Me proponho a refletir para desocultar os simbolismos, que emergem e possíveis conexões, manifestações simbólicas que desembocam na minha escrita.

Abstract

I wrote the short story "Pirilampos" for the Graduate Narrativas Artísticas em Contexto Urbano, believing I was saying goodbye to autobiographical writing, which I have dedicated myself to since 2017, I accepted Professor Giuliano Tierno's suggestion, to observe and reflect on my writing process, this is the purpose of creating the short story "Fireflies". In the exercise of thinking and reflecting I realized possible symbolic connections, which reported me to Psychoanalysis. I have been interested in Freud's writings, although I know so little of his work, the concepts of his first topic can hardly be disregarded, once read. We carry with us, stored experiences similar to the submerged part of an iceberg, "the unconscious", they are words in another state, composed of the stories we live, which we hide or tell. I propose to reflect in order to uncover the symbolisms that emerge and possible connections, symbolic manifestations that lead to my writing.

Introdução

Na origem da caminhada como narradora, contei com o afeto do meu companheiro, Valter Schueler, por ter a Arte que se expressa na ilustração como linguagem, já que o mesmo percebe e tem faro para potenciais artísticos. Depois que partilhei meu desejo de contar histórias, ele criou o blog Histórias da Cora e me desafiou a buscar a escrita persistente, artística e mais elaborada. A decisão de ouvir e pesquisar me levou à descoberta dos meus pares em narrativas orais aqui em Aracaju. Passo a experimentar o texto elevado à voz, que o ouvinte devolve no corpo que fala através do olhar, a sua versão do encantamento recebido, retroalimentando o narrador.

Autorizei-me! Num movimento de alteridade, deixei fluir a contadora das histórias que me escolhem. A experiência deu lugar à pesquisa. Experimentei as histórias em cada chão que pisei, sempre observando e internalizando a reação dos ouvintes, crianças e adultos que guardavam infâncias dentro de si. Tenho perseverado em ser aprendiz dessa arte, tateando, acertando, errando, retrocedendo, avançando, adquirindo e criando meus repertórios, sentindo a história que manifesta sutilmente que quer ser contada. Há muita espiritualidade envolvida na aquisição desse saber milenar que tendo experienciado, me vi sendo fisgada e por isso busquei dar continuidade a essa vivência.

O prazer de contar histórias que ouvi de outrem, não anotei, não li, guardei, recolhi, carreguei, era mais forte que a escrita. Contar histórias se tornou ofício prazeroso. Atraída por narrativas orais despidas do meio acadêmico, formatada em meio aos saberes populares, sem compromisso ortodoxo da estrutura da língua, caminhos considerados assertivos e rebuscados, alinhados à determinado teórico que pode estar ou não desconectado da experiência onírica que envolve esse saber, pertencente à simplicidade coloquial do povo, nos brinquedos do meio rural, nos bakarus dos Bororos, nas canções do mestre Verdellino de Alagoas, no Boi do Maranhão. Já cantei em latim, cantei o lirismo de palavras desconhecidas pelas quais nada senti. Mas ao ouvir o igualmente incompreensível canto dos povos da floresta e o canto africano de Sunday Ikechukwu Nkeechi, “Sunny” ainda que nada entendesse, Senti. É esse sentir precioso e simples que temo perder no olhar acadêmico.

Mas o acadêmico Paulo Freire me abraça enquanto ensina, me ajuda no conto Pírilampos, simples caminhar com os passos de quem aprende a fazer o caminho caminhando, “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar” (FREIRE, 2005, p. 35) Descrevo no texto, o som dos passos, detalhes do caminhar e passo a refletir sobre ele, acolhendo os retoques dos pírilampos leitores num cortejo lindo, amoroso, respeitoso e encantador, sobre a direção de Giuliano Tierno e Letícia Liesenfeld, pessoas firmes como velhas árvores, e leves como suas folhas levadas pelo vento, avermelhadas, disponibilizando maturidade e poesia.

Cuidadosos como quem está com um pássaro lindíssimo e encantado pousado em si, e às vezes nem respira, para que aquele instante seja valorizado ao

máximo, entendendo que o pássaro certamente voará. Nesta escrita teço-me, assim como disse Rubem Alves (2004), “Aprendiz de mim” caminhante na academia, experiência preciosa e sem medo. No coletivo desenhado tal comboio, na segurança aconchegante de uma casa: A Casa Tombada.

A fundamentação teórica deste trabalho é um caminho que me foi apresentado na finalização da graduação em Pedagogia. A pesquisa narrativa com foco na experiência e história de vida, em primeira pessoa, é uma proposta de pesquisa qualitativa, experiencial, relacional que atende às ciências sociais, podendo ser complementar, ou se opor à pesquisa dominante (CLANDININ; CONNELLY, 2015). Esta possui uma diversidade de textos de campo. Para o início da experiência do trabalho de conclusão da Pós Graduação, Narração Artística: Caminhos Para Contar Histórias Em Contexto Urbano, criei o conto “Pirilampos”, que é texto de campo neste trabalho, a fim de refletir, investigar e interpretar as vivências que influenciam meu fazer na produção dessa história e os caminhos que me levaram a esta escrita.

A ideia central de existir uma base, uma metodologia que sustenta, me foi gerada com uma história, narrada na minha infância, baseada numa fala de Jesus de Nazaré, “Assim, todo aquele que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem sábio, que construiu a sua casa sobre a rocha. E caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e bateram com violência contra aquela casa, mas ela não caiu, pois tinha seus alicerces na rocha. (Mateus 7:24) A professora fez a performance, deu voz a esta história, mostrou-me um desenho e cantou uma canção cheia de gestos e onomatopeias, simultaneamente sem o saber criando o conceito da palavra como alicerce sólido, base sólida que sustenta uma casa em meio a condições desfavoráveis. O entrelaçamento da Palavra à voz, desenho e canção, encantaram irremediavelmente meu coração de criança. Guardo palavras alicerces às quais contei aos meus filhos Gabriel e Rafael, crescentes caminhantes, ouvintes e contadores de suas próprias histórias.

Meus mapas enquanto contadora de histórias estão ligados a Aracaju, terra que me acolhe, desde 1980, sendo soteropolitana, mas aracajuana enquanto artista. Recebi um convite em 2012, para uma imersão cultural planejada pela minha irmã residente em São Paulo, Ana Eloísa Ribeiro Santana, Técnica pedagógica no SENAC-SP. Ela me apresentou o evento “Boca do Céu” e iluminou minha biografia revelando nuances de cores e texturas da carta de intenção, inscrição. E enquanto esperava pela aprovação nas oficinas, fui me dando conta do que era o Festival Internacional Boca do Céu, e que eu iria participar da riqueza que é convergir para um só espaço múltiplas manifestações e expressões artísticas, junto aos narradores orais protagonistas do evento. Participar de vivências Paulistanas na ótica cultural da Ana, acolhida, sororidade, agregou muito ao meu processo de cura dos traumas em São Paulo. Além do Festival Boca do Céu, ela planejou simultaneamente a visita ao Museu da Língua Portuguesa, e a exposição “Os iluministas”, que aconteceu na Fundação Banco do Brasil. Foi mesmo uma iluminação cultural, um pirilampear!

À todas as pessoas que seguem delicadamente junto comigo a caminhada, iluminando aqui e apagando ali, especialmente ao Comboio da Casa Tombada dedico o conto “Pirilampos”.

Pirilampos - Coracy Schueler

Era uma caminhada ao desconhecido, à beira rio, por caminhos dos que vieram antes de mim e deixaram suas marcas nesse chão de possibilidades. Caminhei. O som de cada passada em folhas secas, galhos secos, mortos e vivos. No alto entrelaçam e subtraem a luz do sol do ofício de clarear. O som das águas me atraiu e ficava mais forte a cada passo. Eu era a única plateia daquele espetáculo. Um rio, sua correnteza, seu movimento, os tons das águas à luz do sol, o curso interrompido por rochas escuras, fincadas no leito, encobertas e expostas por uma espuma branca desenhada pela força com que as águas batiam nas rochas.

Assentei-me numa delas, rocha grande, polida e arredondada à margem do rio. Ali fiquei um tempo, sem pressa, em silêncio, a ver e ouvir, sentindo o cheiro do lugar, molhando a ponta dos pés, em respeito aos limites do rio desconhecido. Não ousaria mergulhar em seus segredos guardados. A outra margem não parecia tão distante, mas vê-la era suficiente neste primeiro encontro. Guardarei, dos tantos contos de rio, a história do transeunte que em tom de alerta, me contou sobre o segredo daquele rio, e da coragem do nadador experiente que confiava na força do seu corpo, subestimando a proximidade de suas margens, desconhecendo o rio se lançou, sem o saber que entre elas havia mais de sessenta metros de profundidade e fortes correntezas. Ele virou história na memória do povo do lugar e agora na minha.

Abaixei para pegar algumas pedras lindas arredondadas de seixo, um memorial à brincadeira das "Cinco Marias" e a minha infância. Ah, quantas coisas correm com o rio, se arrastam e carregamos dentro de nós, será que desgastam? Será que mudam de forma? Se transformam em outra coisa linda, brincante e boa? Continuei andando, segui pela prainha de rio. O sol declinava, percebi as luzinhas dos pirilampos, apareceu um, depois outro, no caminho de piçarra, passei pela cancela de madeira forte, pesada. Empurrei, abri e entrei. Os pirilampos me acompanhavam, eu não estava só, parecia um cortejo. Os pássaros noturnos despertavam, uma coruja branca com olhar penetrante e solene me observava. Os Gaviões tornaram o caminho encantador para mim. Lentamente, sem pressa, o anoitecer sem lua, as estrelas, tantas, me permitiram ver que me aproximava do pequeno vilarejo ribeirinho, não vi no mapa. Todo lugar guarda certas semelhanças, certos ritos, precisava de um lugar para descansar e depois exercitar minha curiosidade. "Curiar", como se diz em certos nordestes. Será que o povo é acolhedor? Será que se dispõe a contar suas velhas histórias?

As luzes do vilarejo mais perto a cada passo, não me permitiam mais ver os pirilampos. Acredito que eles me trouxeram a um bom lugar. Grata, saudosa pela companhia iluminada dos pirilampos, os guardei num lugar especial chamado inesquecível. Finalmente cheguei ao vilarejo. Não demorou muito e eu encontrei a Pousada Flor, que me abrigou. Tomei um banho frio relaxante e abri a grande porta de madeira que separava o quarto da minha primeira refeição na pousada. D. Flor me fez companhia, serviu-me uma deliciosa canja de galinha, pão caseiro e chá de Guaco. Sonolenta fui desfrutar do quarto que cheirava a canela, adormeci logo, pois

o lugar à noite era silêncio e calma.

Ao amanhecer do dia seguinte fui despertada, pela umidade da mata. O orvalho no rosto, reconheci que ali passei ladeada pelos pirilampos, levantei e segui o mesmo rumo, o mesmo caminho, o retorno ao vilarejo, perplexa descobri que o lugar não estava mais lá ou nunca existiu. Vi apenas uma flor, onde era a Pousada Flor, onde eu tomei banho, comi uma canja deliciosa de galinha e dormi ao aroma da canela. Tentando montar aquele quebra-cabeça recordei que não havia visto nenhuma outra pessoa além da D. Flor. Pensei que o vilarejo era assim mesmo quieto, pouca gente ou que se recolhiam cedo para dormir.

Sem a companhia dos vagalumes, segui o caminho que guardei na memória, até a cancela, os sons eram outros, nenhuma viva alma para me beliscar e provar que eu não estava sonhando. No caminho de piçarra segui. Não muito distante dali, cheguei a outro lugarejo. As pessoas olharam na minha direção e me pareciam surpresas. Perguntaram: quem vem lá? Eu respondi alto o meu nome, os saudei com um bom dia e em seguida, perguntei:

- Onde posso tomar um café? precisava urgente de um café!

Um homem simpático respondeu:

- Aqui mesmo!

Era uma parada para viajantes, um lugar simples, mas bem cuidado. Entrei, sentei numa mesa de madeira natural.

- Vai comer alguma coisa? Podemos servir um café reforçado, inhame com ovo e manteiga de garrafa, café com leite, bolo de milho, saindo do forno que Dona Flor faz todo dia!

- Me espantei e perguntei: Flor?

- Sim, é minha mulher!

- Posso conhecê-la?

- Ah sim, sim!

- Ô Flor! chamou a companheira.

O semblante da Flor que conheci estava vivo em minha memória, no entanto era outra mulher, uma jovem senhora. Por segundos pensei: Será que eu vi o futuro? Era uma coincidência? Era outra Flor?

Ela serviu-me o café, inhame com os ovos mexidos e o bolo de fubá que desmanchava na boca, delicioso! A semelhança da Flor que trazia na memória, assentou-se ao meu lado e me fez companhia.

Puxei conversa:

- Onde aprendeu a cozinhar, assim tão bem, Flor? Este bolinho está perfeito.

- Então, fácil e fluente conversamos sobre a sua mãe, que tinha o mesmo nome, a história da família e do lugar, que acolhe transeuntes desde sempre, os viajantes, visitantes que passam. Pois seus parentes migraram e o acolhimento que receberam, retribuem desde então. Perguntei assim, como quem não quer nada, se havia um vilarejo na direção em que vinha, ali perto?

Ela me contou toda a história do vilarejo que foi destruído pelos fazendeiros

locais, que não aceitavam perder nem um pedaço de chão, para as famílias que ocuparam aquelas terras, se eles não tivessem comprovação por escritura, da posse da terra, mas nem os fazendeiros o tinham. O povo foi marcando o lugar, perto do rio, água em abundância, peixes, numa terra que não pertencia a ninguém, a diferença entre eles e os fazendeiros era o dinheiro e o poder. Certo dia o fazendeiro ateou fogo em algumas casas para aterrorizar o povo, alguns morreram, outros fugiram esvaziando o vilarejo, ficando ali apenas a minha mãe, Dona Flor, que se recusou a sair do lugar. Perder uma mãe assim foi muito doloroso. Acho que por isso começaram a criar histórias para amenizar a dor. Contam que as pessoas do Vilarejo foram transformadas em pirilampos, e à noite, costumavam acompanhar os transeuntes iluminando o caminho. Contam histórias de anjos que os acolheu, ao passarem por ali.

- Nem sei porque eu estou lhe falando essas velhas histórias, o povo fala, eu mesma, nunca vi.

Agradei a Flor :

- Posso lhe dar um abraço? Dei-lhe um abraço agradecida pela partilha da sua história.

Despedi-me dela e do seu simpático companheiro. Caminhei pensativa para a cidade mais próxima, lá peguei um ônibus de volta para casa, chegando à tardinha. Exausta, dormi por horas. Mais tarde, à noite acordei com fome. Abri a mochila para pegar a carteira, para comprar alguma coisa para comer e um pirilampo voou. Corri para apagar a luz e fechar as cortinas para vê-lo melhor. E ficamos ali longo tempo, não sei se a fome passou ou se eu me alimentei de encantamento.

Reflexões Poéticas da Própria Escrita

"O conto é construído para revelar artificialmente algo que estava oculto. Reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única, que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta."

RICARDO PIGLIA. Formas breves Pág.94

Vivenciar a escrita, além do domínio da estrutura da língua, deveria ser um deleite poético, o registro do pensado, sentido, refletido, tornando a academia esse espaço desejável, um oráculo. Acontecendo simultaneamente à aprendizagem o contato com a cultura hegemônica para alguns, a segregação educacional para outros, evidenciando as relações hierárquicas de poder no sistema educacional, determina e limita o acesso à cultura, as letras, seleciona, classifica, produz vícios, traumas, violências, reduzindo os escritores, aos grupos privilegiados ou geniais como Machado de Assis e Tobias Barreto. O mais atroz, no entanto, é a culpabilização das vítimas pelo sistema educacional adoecido e desigual. Os sobreviventes têm semelhanças: resistir e insistir. Insegura, perdida mas resistindo e insistindo, escrevo para descobrir e pensar sobre a escrita, como instrumentos de reflexão no exercício de pesquisa, auto análise e compreensão do que emerge da minha escrita.

Desejo a escrita ainda que tudo que escrevo já exista, ainda assim desejo a originalidade, uma superposição de ideias como quem passa num lugar conhecido e descobre mudanças, algo novo em uma velha árvore, que sempre esteve ali, mas agora se percebe raízes de trepadeiras, que se evidenciam, crescem, escorrem, se mostram, mudando a aparência da conhecida árvore. Deixo-me afetar pela experimentação singular de acolher o desconforto da solidão da escrita, quero estar neste lugar. A escrita que me é proposta nesta Casa de saberes tantos, é ninho, ambiente acolhedor como a pensão da Flor, é o que estou a viver na casa Tombada. Acolhemo-nos num abraço, tudo é recebido com respeito, previamente acordado e decidido como parte importante. Berçário de escritores, sementes. A Casa: Leticia Liesenfeld, Giuliano Tierno e os preciosos colegas, cúmplices e companheiros de "comboio" como o cortejo de Pirlampos.

Entendendo possíveis significados. O rio, as águas que passam deixando sensações, o curso das ideias, é escrita do eu, trajetória guiada pelo som das águas do rio perene, o curso é contínuo, mas esbarra nas rochas, acompanha o relevo do terreno, recebe a intervenção do brilho do sol, o rio o acolhe, e do seu jeito brilha nas águas que seguem, mas permanecem poéticas referências, levadas na memória, o rio Paraguaçu na Bahia e o rio Sergipe que banha a capital Aracajuana.

A minha memória chamou uma história real contada pela amiga Silvana Mendonça, participante do projeto Rondon na Amazônia da década de setenta, de um nadador experiente, que se arrisca a nadar até a outra margem de um rio amazônico com aproximadamente cinco metros de distância, subestimando a informação que entre as margens havia sessenta metros de profundidade, e violentas correntezas. O corpo do nadador nunca foi encontrado. O medo, o respeito às águas desconhecidas é autopreservação, há de se pensar tantas coisas quando um mergulho mata, preferi não nadar nessas águas, para refletir o deslocamento de uma história real numa ficção. A história real na ficção, reforça o desafio de desocultar, deixar vir à tona os segredos escondidos no simbólico.

O medo de perder-se é real. Uma história é ao mesmo tempo muitas e simultâneas, são repertórios de significados, que podem ser acessados à medida que pedem para ser contados, sim, os contos são vivos e querem sair do lugar guardado, é quase impossível reter o aparelho fonador de liberar o conto. O que os move? Acredito que é a função social de ser um benefício a quem os escuta. Essa crença me reporta aos Djélis, a família Kouyaté, a função social da arte que carregam, as africanidades, cultura coletiva, cooperativa do ubuntu e ocupação de espaços dispostos em aldeias.

O sobrenatural, o inexplicável acontece na mata. A história acontece no ambiente comum às minhas ancestralidades africanas e indígenas, são os caminhos da mata, entrecortada por cursos d'água. A mata nossa, mata atlântica, que praticamente desapareceu. Saudade do não visto ou vivido, os poucos anos em Geografia, me valeram para sentir a mata-atlântica quase extinta, e o solo sedimentar, a descrição das rochas desgastadas, o seixo enquanto fragmento de rocha que se desloca, sofre ação do vento, das águas que o arrasta no leito do rio e pelo desgaste, adquirindo forma esférica, útil para tantas brincadeiras. E um fio puxa outro fio, de cama de gato, é quando a criança chega no texto trazendo a brincadeira comum para as crianças do recôncavo baiano, brincadeiras com

materialidades naturais, pedras de seixo, galhos, folhas, barro à beira do rio, influência profunda dos povos originários.

Pertenço geneticamente e poeticamente, aos povos originários do Brasil, povos da floresta, povos ribeirinhos, costumo sentir a floresta dentro de mim. A língua do povo Tupi Guarani grafa meu nome Coracy. Até os 18 anos eu nem sequer pensava nisso, até que a professora de Literatura, no último ano do ensino médio, me perguntou:

- Você sabe o que significa o seu nome?"
- Não.
- É Tupi Guarani, significa “coração que brilha”, “coração iluminado”.

Eu gostei! Ainda que não fosse a intencionalidade dos meus pais, trazer a luminescência dos povos originários, eles estão para sempre ligados à minha história.

Anos à frente participei de uma oficina da FUNARTE , éramos uns trezentos coralistas, uma das experiências, que só poderia acontecer com a convergência de muitas vozes, emitimos sons a partir dos estalos da língua nos variados espaços da boca, movimentos da língua em repertório inexplorado, de sons possíveis. Em dado momento experimentamos balbucios, glissando a voz e os sons que pareciam uivos, sons diversos juntos, criaram a ilusão auditiva de um levante de nossos ancestrais indígenas, seus cantos de guerra e lamentos. Outra experiência guardada no lugar do inesquecível, os povos originários saíram do lugar estático da simples cognição para a experimentação e imersão.

No final dos anos 80, frequentei a popular Oficina três Rios ou Oficina Cultural Oswald de Andrade onde participei da Oficina “Arte indígena” ainda estava por desocultar para mim a desconstrução da cultura e dos povos da floresta o sangue ancestral derramado. A imersão na Amazônia e posterior construção poética e performance do grupo Mawaca, o contato com os Bakarus, contos da etnia Bororos, a recolha dos cantos de muitas etnias pela etno musicista Marlui Miranda, essas informações sensitivas e sonoras gerou um sentimento de dor e pertença. Acredito que todas essas conexões deságuam na minha mata poética, invadida e predada pelos colonizadores.

O sentimento de injustiça do que lhes foi roubado, ecoa no DNA de certos brasileiros, sem teto, sem casa, cada agricultor sem-terra, nas terras indígenas desmatadas por grileiros, garimpeiros, a invasão é contínua. O pensamento do colonizador, difamando os explorados, foi claramente percebido nas ações genocidas da extrema direita no Brasil, nas últimas eleições. O ciclo de violência contra os povos pretos e os povos originários, evidencia a história contada do ponto de vista dos que "venceram" como verdade incontestável, que se assentou, sedimentou, cristalizou e se normaliza em nossa história social, amortecendo nossa indignação diante das atrocidades que assaltam o povo preto e todas as etnias dos povos originários, em todo o território brasileiro.

A bioluminescência dos pirilampos, que não foi fechada em uma só interpretação, é também a inexplicável saudade de um laço sagrado com a terra, cada vida arrancada de seu chão, que insiste em acender nossas memórias para

que não se esqueça, para que se lute por justiça. O silêncio que permite ouvir o próprio caminhar ao dia que declina, ouvir o som de folhas secas no chão. A cancela, portal entre dois espaços que se opõem. A entrada a este espaço é acompanhada pela luminescência, porque carregamos conosco as contribuições e o legado do encantamento dos que partilham o caminho, sejam os ancestrais ou os que nos marcam na contemporaneidade. A presença dos pirilampos é uma sensação ancestral de saudade.

O vilarejo tem luz própria, ofusca pirilampos. A luz que vai até certo ponto do caminho, a fuga dos meus ancestrais, a busca da liberdade, a jornada, a busca de sair do lugar de sofrimento pois há um lugar de pertença em suas lembranças. Descrevo no texto o corpo cansado, a chegada ao povoado, fome, sede que finda com o achamento da pousada. A Pousada Flor é acolher, saciar de muitas fomes, é útero, proteção, aconchego tudo que se deseja em meio a fuga é chegar ao aroma de canela. Até que acontece a quebra do aconchego, desconforto, frieza, umidade. Acordo no lugar onde os pirilampos me acompanharam, sigo o caminho como antes, sem os pirilampos, o amanhecer e o estranhamento. As quebras, mortes, mudanças bruscas, tentativas frustradas, medo, acontecem sem aviso prévio. Os Pirilampos escapam ao controle, são repertórios e interpretações abertas. A ausência dos pirilampos é outra possibilidade ou perspectiva do mesmo caminho, podem simbolizar invisibilidades, coisas que existem e não conseguimos ver.

A finitude do sono e o acordar são profundamente simbólicos para mim e estão intimamente ligados aos desafios da profissão, atualização e decolonialismo, acordei, descobri, descobrir-me, desocultei e me levanto desse lugar de conforto, onde o cansaço virou descanso, a fome foi saciada, da busca, o outro, o acolhimento, o banho, o saciar da fome, do sono, o acordar, o absurdo, o desaparecimento, o espanto, de volta ao início. Refazer o caminho sem os pirilampos, e a cidade não estava mais lá. Outro caminho, outro espaço, o saciar, o encontro, a flor. No povoado, à frente, a mulher chamada Flor, num déjà-vu trouxe a sensação de um já visto ou passado por aquele lugar, vivido aquela experiência, no texto “Será que visitei o futuro? Será que a Flor que agora converso, será um dia aquela flor?” o que me reportou à versos do rei Salomão, no livro de Eclesiastes 3:15 “O que é, já foi; e o que há de ser, também já foi...”

Treinando o olhar de pesquisadora da própria escrita foi interessante perceber que internalizei na construção e reflexão do texto o entendimento preliminar dos estudos em Psicanálise. Quando o pirilampo voa da mochila, faço a conexão com o onírico e o tempo acordado, informando ao consciente: aconteceu. Existe mesmo. Voa, pisca, não foi sonho. O pequeno hóspede na bagagem, sua luminescência miúda, acendendo e apagando, o claro e escuro, a potência e impotência, o saber e não saber da prática psicanalítica, o analisando que em meio às escutas de si, assume o protagonismo da sua cura.

A experimentação dos diálogos possíveis comigo mesma, a memória acessada para compor o texto, caminhos percorridos na mata simbólica por desbravar, são elementos que me ajudam a explorar a potência do conto, incompleto, inacabado em possibilidades interpretativas. O ambiente, o entorno, as margens, a profundidade do rio, a transformação da matéria concreta em imaterial, subjetiva e poética. As interpretações abertas indiretamente convidam o leitor a

ressignificar o conto, a partir de suas próprias experiências, é curso do rio que passa, as águas serão sempre singulares, jamais as mesmas.

Os poetas e os filósofos descobriram o inconsciente antes de mim. O que eu descobri foi o método científico que nos permite estudar o inconsciente.

(Sigmund Freud em cartas para Eduard Silberstein: o Interesse Literário e Psicológico, 1990).

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. **Aprendiz de mim**: Um bairro que virou escola. Campinas/SP:Papirus, 2004.

CLANDININ, D. Jean; **CONNELLY**, F. Michel. **Pesquisa Narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa**. 2 ed. rev. Trad. Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

PIGLIA, Ricardo. **Formas Breves** São Paulo, SP. Companhia das Letras, 2004.

ALVES, Rubem. **Aprendiz de mim**; Um bairro que virou escola/Rubem Alves – Campinas, SP. Papirus, 2004

WALTER, Boelich. “As Cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein: “O Interesse Literário e Psicológico”, 1990

FREUD, S **Interpretação dos Sonhos(1) (1900)** In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. IV

<https://www.youtube.com/watch?v=kLoiOehieeM>

<https://docs.google.com/document/d/1A9KvO3jRQPanJh27czwBIEfbryt710C3/edit>

